

# Os prodromos dum Renascimento português

A Afonso Lopes Vieira.

## I

As nações, como os individuos, formam-se, desenvolvem-se, debilitam-se e morrem. Num ambito mais largo, o mesmo acontece ás varias civilisações que no decurso do tempo se sucedem no governo dos homens. Se a Vida é eterna, os seres e as coisas são ttransitorios e contingentes. Simplesmente, a vida duma nação não pode medir-se pela vida dos individuos que num dado momento a compõem: os individuos vão passando, uns atraz dos outros, mas a nação, no seu todo organico, na sua unidade moral, permanece sempre, atravez a contingencia das gerações. A duração duma Patria não é, pois, o mesmo que a duração dum individuo; e da mesma maneira, as suas crises são mais longas e mais profundas, maior a sua resistencia vital, maiores tambem as suas probabilidades de reacção contra a doença. Se assim não fosse, Portugal teria morrido seguidamente ao esforço sobrehumano dos Descobrimentos e das Conquistas; ou teria sido depois, na crise resultante desse esforço, em 1580, absorvido pela Espanha; ou então, estaria já hoje completamente desfeito, nos embates da crise gravissima que de ha anos vem atravessando, e os seus restos territoriais andariam numa viva disputa entre todos os nossos bons amigos e aliados... As crises passadas foram bem graves. A crise presente não é menos grave do que as anteriores. E no entanto, Portugal resiste: e em nada me repugna acreditar que a rasão dessa resistencia magnifica seja, como em 9 de abril me dizia esse nobre espirito que é o dr. Pequito Rebelo, uma assistencia constante da graça de Deus á na-

ção portuguesa e aos espíritos que a compõem; se a nossa resistencia lembra um milagre, não repugna aos crentes acreditar que Jesus-Cristo continue sofrendo pela nossa redenção, expiando os nossos pecados colectivos.

A Renascença esgotou-nos os *eugénicos*, pelas suas constantes exigencias de valores novos para a continuação da obra colossal a que nos levava o espirito aventureiro dos homens da beira-mar: a terra despovoava-se, em migrações continuas, e toda essa gente, «morta de fome, mas viva de cubiça», toda essa gente se perdia por terras distantes, ou era tragada pelo mar, ou voltava cheia de riquezas, mas cansada, fisicamente exgotada, e ao mesmo tempo pervertida pelo cheiro das especiarias orientais.

O caracter português corrompeu-se no mercantilismo a que os Descobrimentos nos obrigavam, transplantando para Lisboa os emporios comerciais como Veneza nesse tempo e Cartago na antiguidade. E a raça, além de enfraquecida, foi-se degenerando cada vez mais pelas sucessivas inoculações de sangue oriental e africano que produzia cruzamentos inferiores dando origem á creação duma mestiçagem de que ainda hoje, seculos passados, não estamos livres. Nos nossos dias, a corrupção dos caracteres não é menor do que nesse tempo, e a raça não é mais pura. O Fado aí está atestando a nossa degradação. A chatinagem mercantil da Renascença tomou formas novas, mas na sua essencia e nos seus efeitos permanece a mesma. Juntamos a estes factores uma poderosa anarquia da Intelligencia e uma completa desorganisação politica, as guerras internas que nos tiram as forças, e ter-se-ha a explicação de nos tomarem lá fóra por uma nação *assistida*, como um dominio inglês, e do emprego do verbo *portugaliser*, tanto no sentido puro e simples de *anarquizar*, como no sentido de *enfeudar* uma nação a outra.

E' da França, sobretudo, que nos chegam estas delicadezas de trato, como se nós, no nosso passado, alguma coisa tivéssemos de que nos envergonhar em face da França. A França esquece-se de que os portugueses (disse-o Raynal, citado no numero 15 da revista *America Brasileira* por Philéas Lebesque) indo combater o poderio

mussulmano no coração do Oriente, a salvaram duma invasão turca. A França esquece-se também de que se aliou, com Francisco I, aos turcos, enquanto nós nos batíamos pela Cristandade. A idade d'ouro francesa é a Renascença: mas a França esquece ainda que os seus classicos receberam lições dos classicos portugueses, e que Corneille, Racine, Ronsard, foram discipulos de Gil Vicente e Bernardim Ribeiro. Um diplomata americano, quando assassinaram Sidonio Paes, teve o mau gosto de afirmar que Sidonio era «grande de mais para um país tão pequeno», esquecendo-se, porém, de que esse «país pequeno» foi á America arrancar as penas que os americanos usavam na cabeça, e de que qualquer português, diante d'um americano, tem sempre o direito de dizer os versos de Affonso Lopes Vieira:

*... Quando um dia arribei á orla da floresta,  
Wilson estava nu e de penas na testa.  
Olhava para mim o vermelho doutor,  
— eu era então o João Fernandes Labrador...  
E o rumo que seguiste a caminho da guerra,  
fui eu que t'o marquei, descobrindo a tua terra.*

O facto culminante da Renascença foi a deslocação do eixo da civilização do Mediterraneo para o Atlantico, do Oriente para o Ocidente. Os portugueses, não contentes com levarem a civilização aos confins do mundo, descobrindo e conquistando os mares e as terras por onde hoje se pavoneiam, óvantes, os pavilhões dos «grandes povos», descobriram ainda, *o que é mais!* novos ceus e novas estrelas, depois de terem corrido e ensinado aos outros povos as Sete Partidas do Mundo. Ora, um povo que tem no seu passado a mais gloriosa pagina da civilização moderna, e que, depois de mutiladissimo pela cubica dos «grandes países», ainda mantem o seu logar de primeira grandeza entre as potencias coloniais, — um povo assim não pode, sem injuria, ser considerado desdenhosamente como um «país pequeno», e muito menos ser apontado á Europa como um valor nulo, fóco permanente de desordens, sem mais nada digno de atenção.

Nem tudo, porém, são tristezas. Se a sociedade portuguesa, ao primeiro olhar, nos parece uma sociedade em plena deliquescencia, vista melhor, não tardaremos em encontrar nela varios prodromos duma proxima renovação. E se por um lado, lá fóra, somos tratados com desdem, por outro, é ainda de fóra que nos chegam palavras de reconhecimento pelo que no passado fizemos pela Humanidade, ao mesmo tempo que nos atribuem um lugar de destaque entre os povos modernos, tão depressa saibâmos recuperar esse posto de honra, pela cura radical dos nossos males internos.

Vejamos alguns dos prodromos do nosso Renascimento:

*a) A reacção nacionalista*

O instincto nacionalista acorda sempre que uma patria se encontra ameaçada na sua integridade moral e territorial. Quando são grandes os perigos que envolvem uma nação, se essa nação não perdeu, de facto, todos os direitos a uma existencia independente e livre, os seus valores riais e as suas partes sãs, compreendendo nestas partes sãs o que na nação possa existir de mais inconsciente e ao mesmo tempo de mais profundamente *nacional*, não tardarão em organizar uma resistencia que será de principio uma pura reacção moral e intelectual, mas que depressa deixará de ser uma simples aspiração, para revestir um aspecto formal, concretisando-so em factos e tomando conta do governo. Foi precisamente o que na Italia aconteceu, com Mussolini. O mesmo acontecerá tambem em Portugal, um dia ou outro.

Num artigo a sair na *Nação Portuguesa*, acentuei já esta revivescencia nacionalista, a proposito do *Apelo á Nação*, ultimamente lançado pelos homens da *Seara Nova*. Com efeito, *nacionalismo* é uma palavra que anda em todas as bôcas, depois de ter florescido em todos os corações. O *Integralismo Lusitano*, a quem, indubitavelmente, se deve uma enorme parte na criação duma filosofia nacionalista e dum sentimento português, o *Integralismo Lusitano* nasceu duma serie de conferencias sobre a *Questão Iberica*, quando dos lados de Espanha parecia renova-

rem-se as ambições duma hegemonia castelhana na península. A sua acção fructificou e alargou-se. Hoje, diante de novos perigos, de muitos outros lados surgem vozes de clamor nacionalista, apregoando o direito á existencia duma nação que foi a maior colonizadora do mundo e a maior creadora de nações modernas.

Mas a reacção nacionalista não reveste apenas esse aspecto, por assim dizer, *político*, fundamental, que vem a ser o protesto colectivo contra a incompetência dos maus governos, contra uma aluvião de estadistas de barro que tem cavado a ruina nacional. Essa reacção pode verificar-se tambem no campo da Arte, onde o regresso ás fontes da emoção nacional vivamente se acentúa. Se a Arte é, em qualquer parte, uma das manifestações mais especificamente *nacionais*, na inconsciencia colectiva em que se revela, a existencia dum renascimento da Arte portuguesa afirma bem a vitalidade da raça portuguesa. Literariamente, esse rejuvenescimento sente-se em meia duzia de livros — e bem melhor se sentiria ainda, se acaso nós não tivéssemos um tão diminuto movimento editorial. Volvamos, porém, os olhos para a architectura e para as artes decorativas e applicadas: a multiplicação de pequenas casas construidas ao gosto português, numa architectura tão simples e tão nossa, as decorações interiores feitas sobre motivos tradicionais portugueses, os *bibelots*, os adornos onde tudo quanto é especificamente português aparece sempre; e sobretudo, essa magnifica floração de filigranas portuguesissimas que de ha tempo vem saindo das oficinas dos nossos ourives, — tudo isto não será um claro sintoma dum proximo ressurgimento colectivo? uma manifestação clara do rejuvenescimento do gosto artistico português? Os valiosos trabalhos dos nossos etnografos teem desenterrado dos escombros do esquecimento um vasto numero de motivos ornamentais portugueses; e, trazidos a luz do dia e á lembrança dos artistas, esses motivos adaptam-se perfeitamente ao nosso sentir, revelando-nos ao mesmo tempo aspectos magnificos dum espirito artistico nacional, popular, que parecia completamente perdido. Numa curta lembrança, citarei as rendas e as tapeçarias portuguesas renascidas, e ainda os trabalhos de perfelta

ourivesaria feitos em ferro forjado, sobre motivos nossos, ressuscitados e realizados em Coimbra pelo mestre ferreiro Lopes d'Almeida...

b) O culto dos mortos e o renascimento da Fé

O culto pelos mortos só se perde quando de todo se perderem também, numa nação, as razões morais e profundas da sua existência. A comemoração dos mortos e o respeito constante pela sua lembrança são, pois, índices de que no fundo da consciencia nacional as raízes da sua vitalidade não se definharam nem de todo se corromperam. *L'avenir naît des accumulations du passé, et nous sommes nous-mêmes bien déterminés par ce que l'on commence à appeler un peu partout nos morts. Oui, les morts sont plus actifs que les plus actifs des vivants. Mais c'est par les vivants, c'est en eux qu'ils agissent. Soit, nos initiatives sont formées de leurs cendres. Mais celles-ci seraient sans action si leur ferment ne déterminait pas nos vouloirs.*» Nestes mortos, que Maurras acaba de definir «mais activos que os mais activos vivos», se condensa uma verdadeira filosofia da Tradição. Não, os mortos não esquecem depressa; mas, se porventura nós os esquecessemos, nem por isso eles deixariam de nos assistir, de longe, com o seu conselho, de viver e agir dentro de nós, embora com a nossa inconsciencia, para que a linha do nosso destino de seculos se não pudesse quebrar definitivamente num instante.

A Tradição tem um valor dinamico, depois de ter um valor estatico. Quando esse valor dinamico é reconhecido, é conscientemente que os homens deixam que as suas iniciativas sejam formadas pelas cinzas dos seus mortos e ás cinzas desses mortos referem todos os seus pensamentos e todas as suas acções. Quando não é, o culto da Tradição reveste apenas o seu aspecto estatico, que consiste num contemplativo respeito pelos mortos, respeito piedoso pela sua memoria, desacompanhado de qualquer ensinamento a tomar em conta na vida presente e futura. Ora, nós temos em Portugal uma *élite* que sabe vêr na Tradição o seu valor dinamico e por ela procura guiar os seus passos. Mas para além dessa *élite*, fazendo-lhe fundo,

temos também o comovido e inconsciente respeito da nação inteira pelos mortos que vão passando : diante dum morto, quando um cortejo funebre atravessa a rua, não ha homem algum, qualquer que seja a sua noção da vida e da morte, qualquer que seja a sua ideia politica ou religiosa, que respeitosa e se não descubra; nem ha mulher alguma que não rese um *Padre-Nosso* e uma *Avé-Maria*, inclinando-se e persignando-se muitas delas em face do tumulo que passa. Esse respeito instinctivo pela morte e o culto que aos mortos a nação consagra, pode bem ver-se como cresce quando, de ano para ano, em dia de finados, se vê crescerem as romagens aos tumulos e a assistência ás missas pelos defuntos. Bem no fundo do nosso sêr, todos nos lembramos ainda que os antigos acendiam as fogueiras dos lares, nesta terra previligada por Deus, sobre os tumulos dos seus mortos...

Concentricamente a este culto piedoso pelos mortos, alguma coisa mais se vê renascer em Portugal : nós estamos assistindo também a um renascimento da Fé, e esse renascimento, que se opéra por toda a nação, é ainda um signal de que os portuguezes, diante de ameaças de toda a ordem, se voltam inconscientemente para as fontes onde o seu sêr moral, para ser forte, na antiguidade foi beber as energias do seu espirito. Em vão os politicos procuraram destruir a Fé com a destruição e a profanação das igrejas, ao mesmo tempo que perseguiam os seus mais fieis servidores ! A perseguição á fé religiosa só decuplica a resistência das almas que a comportam : assim aconteceu nos primordios do Cristianismo, assim aconteceu em Portugal, assim está acontecendo na Russia... Numa nação tradicionalmente catolica como a nossa, desfazer a sua unidade moral, pela quebra e pelo enfranquecimento dos laços religiosos, era tarefa bem ardua e bem difficil. Ninguém o conseguiu. E daqui por diante muito menos alguem o conseguirá, já porque Portugal inteiro se sente inclinar a pouco e pouco sobre as suas raizes,— não porque vá morrer, mas para na sua seiva e no humus que a rodeia se reconfortar; já porque o mundo inteiro atravessa uma epoca de profunda renovação religiosa, a que não foi extranha a vaga de misticismo creada pelo drama da guerra.

Quem são os obreiros deste Renascimento? A resposta é difícil, pelas susceptibilidades que iria ferir, se apontasse aqui nomes. Bastará frizar, portanto, que atraz duma reduzida meia duzia de homens pensando e sentindo portuguêsmente, se encontra toda a massa nacional a secundar-la, predisposta como estava e como está, pelas condições que lhe fôram creadas por circunstancias extranhas á sua vontade, a secundar todos os movimentos de reaportuguesação de Portugal. Esses homens, vindos de todos os lados, fóra de todos os partidos e, pode dizer-se, contra todos os partidos políticos, encontram-se numa larga plataforma comum: o *Nacionalismo*. Ora, a maré sobe todos os dias, todos os dias chega gente nova — e não tardará, por certo, que todos se congreguem á volta dos mesmos *meios* de salvação comum, quando todos acordarem já na comunidade do *fim* a realizar.

E' fóra dos partidos políticos, e contra eles, que poderá efectivar-se esta aspiração. «Esquerdas» e «direitas», «liberaes» e «conservadores», «burguêses» e «operarios», tudo isto constitue já hoje um bazar de raridades archeologicas, onde se não entra sem que o espirito se macule duma poeira sordida. A unica destrinça que ha a fazer na nação é esta: separar os *reaccionarios*, *renovadores*, ou *revolucionarios* (todos os que querem *reagir para construir*) dessa enorme massa acéfala conhecida por massa *conservadora*, inerte por natureza, conservando tanto o bem como o mal e contando apenas, portanto, como um pêso morto que é preciso remover antes de se iniciar qualquer obra de reconstrução organica da nacionalidade, abalada nos seus fundamentos por uma longa teoria de erros antigos e modernos.

Augusto da Costa.

---

**A "REVISTA PORTUGUESA" publicará no proximo numero um desenho de Bernardo Marques e no seu numero II um desenho de Antonio Soares**